

“SANTO ONOFRE” (EÇA DE QUEIRÓS): ENTRE A SANTIDADE E A SOCIEDADE *

Prof. Dr. Antonio Augusto Nery
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

RESUMO: Dentre as três vidas de santos produzidas por Eça de Queirós durante a década de 1890, “Santo Onofre” é aquela que mais contundentemente apresenta a peculiar concepção de santidade veiculada pelo escritor nas outras duas narrativas de temática semelhante, “São Cristóvão” e “São Frei Gil”. O objetivo deste trabalho é compreender as particularidades de tal concepção e, por intermédio disso, demonstrar que “Santo Onofre” constitui-se um bom exemplo do diálogo e da conexão que as *Vidas de Santos* ou *Lendas de Santos* estabelecem com outros textos de Eça, especialmente romances nos quais a crítica à Igreja Católica é mais avultante. Dessa forma, espera-se problematizar a aparente ideia de que a história de Onofre, Gil e Cristóvão são destituídas da verve crítica constatada em obras anteriores do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Eça de Queirós, *Vidas de Santos*, “Santo Onofre”.

ABSTRACT: Among the three lives of saints produced by Eça de Queirós during the decade of 1890, “Santo Onofre” is the one that more strongly presents the peculiar conception of sanctity propagated by the writer in the other two narratives of similar themes, “São Cristóvão” and “São Frei Gil”. The purpose of this work is to understand the particularities of such conception and, through this, to demonstrate that “Santo Onofre” consists a good example of the dialogue and the connection that *Vidas de Santos* or *Lendas de Santos* establish with other Eça’s texts, especially novels in which the critic to the Catholic Church is substantial. This way, it is expected to problematize the apparent idea that the history of Onofre, Gil and Cristóvão are dismissed of the critical discourse evidenced in the previous works of the author.

KEYWORDS: Eça de Queirós, *Vidas de Santos*, “Santo Onofre”

Dentre as três vidas de santos produzidas por Eça de Queirós durante a década de 1890, “Santo Onofre”¹ é aquela que mais contundentemente apresenta a peculiar concepção de santidade veiculada pelo escritor nas outras duas narrativas de temática semelhante, “São Cristóvão” e “São Frei Gil”.

A principal característica da personagem Onofre é o recorrente sofrimento devido ao incessante desejo de superar seu elevado orgulho. É essa “luta contra a carne” que permeará sua história do início ao fim.

¹ Doravante SO nas referências de citações. Todas as citações foram retiradas do livro: QUEIRÓS, Eça. *Últimas páginas*. Porto: Lello e Irmãos, 1945. Cabe mencionar que *Últimas páginas* foi o título atribuído por Luís de Magalhães à coletânea que organizou com alguns textos de Eça, entre os quais as três *Vidas de santos*, que ainda não tinham sido publicadas. A primeira edição desse livro foi publicada após a morte de Eça, em 1912.

Pelas referências a Santo Antão, tudo indica que a narrativa transcorre no Egito do século IV. O relato principia mostrando a rotina diária que o solitário Onofre possuía em uma cabana, no alto de um morro na Tebaida, havia vinte anos. O ermitão levava uma vida de silêncio, oração, exasperada penitência, trabalhando apenas para sobreviver e sempre: “[...] entoando da borda do seu eirado um cântico de grande esperança, mergulhando na treva da caverna, emergindo ansiosamente dela para voltar à oração, ao labor, ao êxtase, à penitência incansável”.²

E, não obstante tamanha ascese, tamanho esforço para unir-se com o “Todo Poderoso”, Deus mantinha-se silencioso para com ele: “Deus olhava e esperava”³. A narração deixa entrever que Deus tomava conhecimento do esforço penitente, mas desejava saber se a santidade de Onofre era verdadeira. Concomitantemente a essa espera, conforme Onofre demonstrava estar cada vez mais mortificando sua carne, as tentações demoníacas incessantemente o atormentava: “Mas como o solitário ia entrando na perfeição - o Demônio, inquieto com o Santo novo que surgia correu ao ermo: – e desde então começaram na alma de Onofre os sustos, as surpresas, os ruídos, os combates duma cidadela cercada”.⁴

Os capítulos iniciais explicitam o contexto de sacrifício, ausência de Deus e tentações vividas por Onofre. Especificamente no segundo capítulo, nota-se que os sofrimentos do santo aumentam consideravelmente, pois, além das tentações demoníacas, ele começa a ser tentado por sua própria concupiscência, recordando constantemente os acontecimentos de sua infância e juventude, quando vivia junto de sua mãe, uma grega, e de seu pai, um mercador da cidade de Afrodite, localizada no delta do Nilo.

É a partir das reminiscências tentadoras, presentes no segundo capítulo, que ficamos sabendo do passado do ermitão. Onofre, quando jovem, era louvado por muitos e admirado por sua inteligência e perspicácia. Isso parece tê-lo marcado profundamente. As lembranças começam a provocar-lhe devaneios que o levam a desejar diversas benesses da vida antiga. Certa noite, em meio às recordações, vislumbra sua antiga vizinha, a jovem Glicéria,

² QUEIRÓS, 1945, p. 189.

³ QUEIRÓS, 1945, p. 189.

⁴ QUEIRÓS, 1945, p. 189.

com “aquelas brancuras de carne e mármore”⁵, que o incitam a desejar a moça.

Os devaneios são tão intensos que Glicéria se materializa diante de Onofre, porém, quando o religioso ia tocá-la, a imagem se desfaz.

Tal aparição configurou-se para Onofre como uma deflagração das investidas de Satanás, na mais perfeita crença medieval de que tudo aquilo que afastava os místicos da ascese seria obra do Diabo.

A partir desse acontecimento, Onofre começa a policiar todos os pensamentos para coibir as reminiscências que o tirariam da aura divina. Permite-se somente lembrar da conversão até chegar àquele ermo. Segundo Onofre, sua conversão se deu a partir do momento no qual o Cristianismo proliferou-se no decaído Império Romano e uma nova consciência de amor fraterno surgiu.

A narrativa esclarece que ele se converteu ao Cristianismo e deixou a religião pagã de seus pais, conhecendo a nova crença no momento em que o Egito começou a ter os seus primeiros exemplos cristãos, entre os quais S. Nilo, de quem Onofre fora servo e a quem devia, em parte, sua conversão.

Segundo se depreende do texto, Nilo era o mais perfeito solitário. Contando cento e vinte três anos, era famoso tanto no meio cristão quanto no meio pagão; todos recorriam ao ermo onde habitava em busca de milagres. Mas, o ancião era avesso a tudo e a todos, espantando os peregrinos que recorriam a ele. Onofre testemunha que: “durante três anos que servira aquele santo terrível, nunca dele recebera um sorriso, uma consolação, um amparo – porque de tanto viver na solidão arenosa e pedregosa, aquela alma ganhara a secura das areias e a rigidez das serranias”.⁶

Na inicial caracterização de Nilo temos a crítica, por vezes de forma indireta, ao modelo de santidade vivido pelos ermitões. Modelo que a narrativa claramente desaprova. A meu ver, essa é uma das principais críticas encontradas na história de Santo Onofre, desenvolvida por Eça de Queirós.

⁵ QUEIRÓS, 1945, p. 195.

⁶ QUEIRÓS, 1945, p. 202.

De S. Nilo, Onofre recebia apenas mudas repreensões e “decerto nunca compreendera aquela virtude medonha!”⁷. Mesmo com tanta exasperação, Onofre admirava a forma de vida de seu mestre e, após a convivência de três anos e com a morte de Nilo, decidiu procurar uma caverna e dedicar-se também à vida contemplativa, seguindo literalmente o exemplo do velho eremita “[...] Recolheu então a túnica de pele que usava Nilo, e o seu rolo de Escritura, e o seu bordão, e a sua cabaça e avançara pelo Deserto, para o lado do oriente e do mar”.⁸

Nas recordações de Onofre sobre o seu início de vida solitária, nota-se a intenção da narrativa em apresentar ao leitor a principal característica da personagem, o desmedido orgulho, que por muito tempo parece passar despercebido dele próprio:

Transportado numa imensa esperança, apeteceu ansiosamente, também uns cem anos de deserto, e de oração, e de mortificação, e o seu nome espalhado por todo o Egito cristão [...] Os Solitários não se afastavam das cercanias do Mosteiro, ou do Nilo, que é a rica, populosa estrada do Egito. Antão mesmo! O velho túmulo em que se enterrara vinte anos, estava a dois dias de Afrodite. Mais ele! mais solitário que todos os solitários, habitava os confins do mundo. A Ocidente eram léguas sem fim de areias e rochas; a oriente, o mar estéril: e só ele, naquelas solidões pavorosas, lançando o seu cântico perene para o Céu. Por isso mesmo o olhar de Deus o distinguiria mais claramente, assim destacado e único, naquela imensa extensão de terra.⁹

Serão várias as passagens da narrativa em que percebemos Onofre se auto- admirando pela decisão de vida ascética. O desejo de reconhecimento por parte de Deus e dos homens parece ser constante, até mesmo após a compreensão desenvolvida acerca de si próprio, sobre o orgulho desmedido e sobre a necessidade de superação dessa característica pessoal.

Interessantemente, a descoberta de que o orgulho era a principal fraqueza de Onofre se dá a partir de uma visão que ele tem de Jesus, na qual Cristo aparece debruçado sobre a terra do Egito, voltando o olhar para o lado das cidades, onde a turba, desprovida de tudo, passava por grandes

⁷ QUEIRÓS, 1945, p. 202.

⁸ QUEIRÓS, 1945, p. 203.

⁹ QUEIRÓS, 1945, p. 203 – 204.

necessidades. E, mesmo Onofre gritando muito para Jesus, ele desapareceu “como se para ele não houvesse servo nem deserto!”¹⁰

Embora não seja nesse ponto específico que a personagem tomará a decisão de deixar a ascese em que vivia para dedicar-se ao povo, notamos aqui uma espécie de iluminação, pois é a partir de tal cena que ele desenvolve a necessidade da superação de seu orgulho. A visão leva Onofre a refletir sobre sua vida em busca da santidade, reconhecendo a inutilidade da vida ascética, sobretudo no que se refere ao rebaixamento de sua “fraqueza maior”.

Muito tempo, então, chorou amargamente! Oh miséria, oh dor! Em tantos anos de penitência e ermo, o seu coração não obtivera purificação – e permanecia coberto de uma crosta de maldade. Decerto mil noites de dura peleja ele rechaçara o Pai da Mentira! Mas esses eram os triunfos fáceis que os mesmos pagãos, sem o socorro de Jesus, alcançam sobre a Carne. Quando, porém, o grande Mentidor vem, e do cimo de uma rocha, como ao Senhor, lhe promete uma grande glória entre os homens, logo ele se deixa levar pela mão, consentindo, com uma facilidade de prostituta. Oh alma miserável, há tanto fora do mundo, e ensopada ainda no orgulho do mundo, como uma esponja que saiu da água podre! Que penitência, e que exercício heróico de humildade havia aí, que pudesse espremer, até à última gota impura, aquela soberba que trasbordava, empestava todo o seu ser! Trinta anos se flagelara! Trinta anos se esfomeara! A sua oração subia para o Céu tão constantemente como o seu hálito. E arrastara correntes de ferro; velara meses, com os joelhos em pedras agudas, e os olhos risonhos postos nas claras estrelas, ou dormira embrulhado em cardos; dera a beber do seu sangue às vespas; esmagara os ossos debaixo de grossas pedras... E em vão!... Que podia então ainda fazer naquele ermo? Onde havia martírios mais dolorosos? Onde se aprendiam preces mais extáticas?... Onde?¹¹

Em descrições como essas, a narrativa parece querer justificar que o tormento vivenciado pelo asceta era justificado por conta de seu orgulho desmedido, ao contrário de ser relegado simplesmente às forças sobrenaturais malélicas, como comumente hagiografias católicas tradicionais poderiam sugerir. É uma espécie de naturalização do sobrenatural.

Desde esse ponto da história, a dedicação a uma espiritualidade prática em contraposição à vida contemplativa, parece funcionar como saída para a superação das fraquezas de Onofre. Tem-se, assim, mais uma vez reiterada pela narrativa, a crítica ao modelo de espiritualidade vivenciada pelo religioso.

¹⁰ QUEIRÓS, 1945, p. 206.

¹¹ QUEIRÓS, 1945, p. 230.

A visão de Jesus também fez com que o protagonista tomasse a decisão de não mais revolver as memórias do passado, voltando a atenção somente para o dia-a-dia do deserto, todavia, conforme ele se focava na rotina solitária, tentações mais terríveis o perturbavam, como as visões horripilantes dos montes, dunas e animais transformando-se em monstros¹². Além das alucinações, a luxúria, as dúvidas existenciais e de fé, bem como os tormentos relacionados à intelectualidade, também assolavam o santo. Mister notar que todas essas intempéries sempre estarão intimamente ligadas com a postura orgulhosa de Onofre que, mesmo depois da visão de Jesus debruçado sobre o deserto e das elucubrações reflexivas, não se modifica de maneira efetiva.

Em meio às provações, ele, inclusive, constantemente reconhece o orgulho como sendo o fator que o tira da contemplação ideal. De fato, é inegável que nesse sentido temos algo próximo das hagiografias tradicionais e do texto bíblico, pois, conforme ia reconhecendo suas fraquezas, mais Onofre era provado, em uma espécie de fortalecimento pela fraqueza, tal qual os ensinamentos paulinos de que “é na fraqueza que se é forte”¹³, porém, a narrativa não parece difundir tal compreensão.

Nas agruras sofridas pelas tentações, Onofre sente-se abandonado por Deus, desejando inclusive morrer. Todos os sofrimentos são remetidos pelo religioso ao demônio, mas o narrador indica ao leitor de forma mais contundente que eles são fruto não de uma entidade sobrenatural, mas sim da personalidade orgulhosa da personagem. Prova disso é o desejo, que Onofre remete ao diabo, de converter o imperador romano, César, ao Cristianismo e, dessa forma, ser consagrado e sempre lembrado por ter convertido uma pessoa poderosa.

Nesse contexto, Onofre é acometido por outra visão, na qual contempla a violência e a opressão imposta pelos senhores egípcios aos pobres, velhos e escravos. A cena constitui-se também uma “iluminação”, já que é a partir dela

¹² Jaime Cortesão (1949, p. 136) nota semelhanças dessas passagens com as denominadas “visões de Santo Antão”, como ficaram conhecidas, via hagiografias tradicionais e representações artísticas, as constantes tentações vivenciadas pelo santo dos primeiros séculos do Cristianismo. Cortesão supõe, inclusive, que Eça teria lido *As Tentações de Santo Antão* (1874), de Gustave Flaubert (1821-1880), para desenvolver certas cenas de “Santo Onofre”.

¹³ Cf. 2Cor 12,9.

que o religioso entrevê a inutilidade de sua solidão e, impressionado, começa a chorar e sente-se envolto em uma espécie de purificação consoladora.

O acontecimento possui grande importância no enredo, pois é por intermédio dele que Onofre chega à conclusão de que todas as lágrimas que derramara no ermo por causa dos sofrimentos de Cristo, não haviam sido tão pacificadoras quanto aquelas derramadas pelos excluídos da visão:

A cada lágrima que assim caía, Onofre sentia um alívio inesperado e novo. Muitas lágrimas chorara no deserto – mas nunca tão consoladoras! E todavia eram as memórias das Dores do Senhor, do seu doce corpo cheio de chagas, do seu suor de aflição, e da sua queda, na áspera serra, sob o ultraje dos soldados e da cruz, que lhas fizeram derramar, em noites de piedoso cismar. Porque eram mais doces e pacificadoras estas, que lhe arrancavam as chagas, e os trabalhos, e os cativeiros, e os suplícios dos homens mortais? As lágrimas pelas dores humanas eram, pois, mais gratas ao céu, que as lágrimas derramadas pelas dores divinas! Decerto, então, servir aos homens no mundo, seria mais apreciável no céu do que servir a Jesus na solidão...¹⁴

Para além da heresia declarada, de que chorar pela Paixão de Cristo é algo de menor significância do que chorar pela “Paixão” dos homens, temos resumida no final desse trecho a ideia de santidade que perpassa toda a história de Onofre. Tomando consciência do Cristianismo “prático”, ele decide ir em busca dos indigentes da cidade de Bubastes, a aglomeração urbana mais próxima de sua caverna. A surpreendente decisão corrobora a crítica veiculada nesta obra, bem como nas outras *Vidas de santos*: muito mais “apreciável ao céu” é a transposição da vida contemplativa para uma religiosidade ativa, uma decisão que busca a salvação coletiva ao invés de um ascetismo contemplativo que visa apenas a salvação individual.

Conforme literalmente o texto pontua, com a decisão em abandonar a “espiritualidade passiva” transpondo-se para uma “espiritualidade ativa”, Onofre não sofre mais nenhuma “tentação demoníaca” ou visão aterrorizante, como frequentemente tinha no deserto.

E nunca como então gozara uma paz tão perfeita. No deserto, os seus rudes labores de enxada e rega, para combater a esterilidade das areias e concorrer para a realização da divina promessa não lhe davam alegria: - e a fadiga com que deles saía, era inquieta e

¹⁴ QUEIRÓS, 1945, p. 231-232.

melancólica. Na oração, que aí perenemente enviava para o Céu, a sua alma não se desafogava, nem por ela obtinha do Céu o dom da apetevida misericórdia: - e havia apenas uma alma mais turva diante dum céu mais mudo. Agora, ao contrário, o cansaço naqueles longos dias de caridade era cheio, era feliz e repassado de doçura: - e a mais curta oração, balbuciada à pressa, fazia descer das alturas, sobre o seu coração, como uma longa e vaga carícia que o refrescava deliciosamente. Mas o melhor bem logrado era a libertação do Demónio. Não voltara mais, o Pai das imposturas, nas suas formas variáveis de sedução e terror: - e a terra toda estava para ele como limpa e vazia de Satanás, como um altar lavado de fresco.¹⁵

E o fato da narração reconhecer que o “O Pais das imposturas” não tornara a visitar o deserto, é importante para a finalidade que as menções a Satanás parecem ter na história, pois, embora Onofre estivesse agora vivendo uma vida de santidade “exemplar”, sem visões aterrorizantes, sua maior fraqueza, o orgulho, ainda estava presente a importuná-lo e ele, insistentemente, continuava a imputar tal agrura, eminentemente humana, ao diabo.

Exemplo flagrante do orgulho desmedido podemos constatar na cena em que o futuro santo consegue ressuscitar um pobre homem, pai de família, depois de implorar a Deus pelo milagre. Tão logo o ato miraculoso acontece, temos um Onofre soberbo, vangloriando-se do ocorrido, já se “canonizando” em vida:

E ia num deslumbramento! Por vezes estacava, alargava os braços, murmurava: «Fiz um milagre! Fiz um milagre!» Onofre, o mais humilde e rude servo do Senhor na Igreja de Bubastes, fizera um milagre! E não desses tão fáceis, e nascidos da ilusão, como os sabem fazer os discípulos de Simão, o Mágico! Mas um milagre profundo, que tornara a Morte em Vida, como só os tinham feito os homens apostólicos, depois do Senhor. Por quê? Por que lhe era concedido um tão divino poder? [...] Sem dúvida porque a sua vida, as suas longas penitências, a sua oração, tinham, mais que as de nenhum outro, em cidade ou ermo, satisfeito o Senhor! Ele, pois, realizara a obra sublime de contentar Deus – e tão bem limpava a sua vontade de toda a culpa, e tão transparente e brilhante de pureza a tornara, que Deus, desde já, lhe confiava, na Terra, um poder transcendente... Mas então – era um Santo! Presa ainda com a cinta vil da carne, a sua alma já recebera do Senhor a sua santificação. Brevemente libertado da carne, e da sua miséria, ascenderia fácil e naturalmente àquele céu, salpicado de estrelas. Entre esses divinos lumes habitaria, enterrando os pés nus no azul macio, vendo a face do Senhor sorrir, no resplendor inefável. Da terra subiriam para ele, Onofre, longos rolos de orações: – e os restos da sua argila mortal,

¹⁵ QUEIRÓS, 1945, p. 235-236.

os seus ossos, receberiam também a veneração dos homens, guardados em sacrários – entre lâmpadas e flores. Oh maravilha!¹⁶

A narrativa a partir desse ponto começa explicitamente a “absolver” o diabo, expondo que o desmedido orgulho de Onofre é, antes de tudo, algo arraigado à sua personalidade. Isso fica muito patente nas descrições acerca da realização de um segundo feito extraordinário realizado pelo protagonista.

Para certificar-se de que detinha o poder de realizar milagres, Onofre tenta realizar outro portento, ordenando que uma parte alagada do rio Nilo voltasse ao leito normal. Tão logo percebe que as águas estão se movendo, Onofre contempla o feito rindo, “com a face erguida, no seu imenso sonho de orgulho”¹⁷. Contudo, simultaneamente ao acontecimento, uma voz ecoou: “– Oh Onofre! Oh César que tudo podes! Olha o rio! Olha o rio! Do alto do teu orgulho, oh meu irmão, olha o rio!...”¹⁸. Surpreendentemente, o rio que recuava, transbordou de forma ainda mais avassaladora. Onofre, então, concluiu que seu milagre “fora uma ilusão do demônio”, conclusão que, neste ponto da narrativa, se perfaz totalmente equivocada, uma vez que o “demônio” para qual ele atribuía suas desventuras, era o seu próprio orgulho.

Porém, mesmo com essa “fraqueza”, torna-se evidente no decorrer dos acontecimentos que o encontro com Deus, tão ansiado pela personagem, se fazia de forma simples, suave, eficaz e completa à medida que ele se doava ao povo de Bubastes. Trata-se de uma contraposição crítica que a narração tece à solidão, às tentações, aos sofrimentos e martírios vivenciados por Onofre no deserto.

De fato, até o final da vida teremos o religioso lutando contra o orgulho, tanto que após os episódios dos milagres mencionados acima, Onofre por mais uma vez retorna para o deserto, em uma atitude desesperada de mortificar-se por causa de seu “pecado maior”. Essa atitude parece evidenciar que a personagem não conseguiu compreender de modo eficaz a ideia, constantemente enfatizada pelo narrador, do isolamento como condição propulsora para a amplificação do problema que ele queria combater. Contudo, nesse contexto, ele é encontrado por uma caravana de mercadores

¹⁶ QUEIRÓS, 1945, p. 246-247.

¹⁷ QUEIRÓS, 1945, p. 251.

¹⁸ QUEIRÓS, 1945, p. 251.

que o convida a acompanhá-los, porém, tão logo é chamado a operar um milagre, curando a filha do dirigente da caravana, Onofre foge com medo de ser tomado novamente pelo orgulho.

O último feito do protagonista se dá ao final da narrativa quando ele, mesmo temendo o orgulho, cura uma criança miserável que agonizava no colo da mãe. Na sequência desse ato temos o desfecho da história, com Onofre, velho e fraco, próximo à morte, sendo arrebatado pelo próprio Jesus, de forma mística e santa:

Então, uma Voz muito doce, murmurou sobre ele:

– Onofre!

O velho ergueu a face lentamente, depois o corpo trémulo, e começou a caminhar. Mas os seus passos tremiam tanto, que se encostou ao velho muro que ele mal via já, sob a névoa de lágrimas, e no desmaio, que lho velava. Assim se arrastou um momento, tremendo, gemendo. Mas, doce e cheia de carinho, a Voz ao seu lado murmurou:

– Onofre!

Então Onofre voltou a face – e avistou uma forma que resplandecia toda, de brancura, na solidão do crepúsculo. Mudo, já todo frio, deu para ela um lento passo – e desfaleceu, caiu sobre o seio de Jesus Cristo, Nosso Senhor, que o apertou docemente nos braços, e o levou consigo para o Céu, no esplendor de ouro da tarde.¹⁹

Mesmo que a narrativa finde de maneira miraculosa, nos moldes das inúmeras hagiografias católicas tradicionais, não podemos deixar de observar que o texto parece sugerir que fora somente após o reconhecimento de sua “verdade” interior, sem culpabilizar ninguém por suas desventuras, inclusive o diabo, é que Onofre conseguiu finalmente gozar de seu objetivo e sonho inicial: alcançar a santidade, o céu.

Ao concluir a leitura de “Santo Onofre”, percebe-se nitidamente que a ideia de santidade veiculada na narrativa relaciona-se com a concepção de que o amor próprio e o orgulho constituem-se obstáculos para uma vida religiosa ideal, de devotamento ao próximo. Mas, para além disso, é também nítido e peremptório o questionamento do modelo de vida ascética contemplativa e retirada da sociedade, bem como a declaração de que a perfeição pessoal está em servir a causa dos menos favorecidos e excluídos. Assim, mesmo que o

¹⁹ QUEIRÓS, 1945, p. 272.

discurso crítico não seja ferino como em *O crime do padre Amaro* (1875) e *A relíquia* (1887), para em “Santo Onofre” a crítica à Igreja Católica e, especialmente, a crítica ao conceito de santidade baseado na vida contemplativa e no isolamento do mundo, difundido pela instituição.

REFERÊNCIAS

- CORTESÃO, Jaime. *Eça e a questão social*. Lisboa, Seara Nova, 1949.
BÍBLIA SAGRADA - Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo, Ave Maria, 1994.
QUEIRÓS, Eça de. *Últimas páginas*. Porto, Lello e Irmãos, 1945.

Antonio Augusto Nery é Doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de Coimbra, é Professor na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisa e orienta trabalhos sobre a Literatura Portuguesa produzida no século XIX e na Contemporaneidade, além dos diálogos desta com a Literatura Brasileira e outras Literaturas. Também investiga a relação entre Literatura e Religião. Entre os seus principais interesses de pesquisa estão as obras de autores como Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco e José Saramago. É vinculado ao Centro de Estudos Portugueses da Universidade Federal do Paraná. E-mail: gutonery@hotmail.com